

**“ÁFRICA DA CABEÇA AOS PÉS”: REFLEXÕES SOBRE ANTICOLONIALISMO
E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA AFRICANA A PARTIR DO POEMA
“SE ME QUISESSES CONHECER”, DE NOÉMIA DE SOUSA¹**

Mariely Rosário dos Santos²

RESUMO

O poema “*Se me quiseres conhecer*” de 1958, começa localizando Noémia de Sousa ao seu lugar, Moçambique. Ela, esse pedaço de pau preto, se assemelha ao pau preto tão bem talhado nas mãos dos macondes, seus irmãos do norte. Nesse sentido, como afirma Laura Padilha (2004) os textos de Noémia sugerem uma subjetividade que ultrapassam o indivíduo. Em vários momentos uma subjetividade e um sentimento de coletividade vai estar presente em sua escrita. Pensando essas questões, sua escrita é fruto dessa experiência onde a luta pela emancipação do sujeito negro é a própria luta pela existência em si. Diante disso, o intuito desse trabalho é analisar no poema “*Se me quiseres conhecer*” a afirmação da identidade negra Africana e o anticolonialismo presentes na poesia de Noémia de Souza.

Palavras-chave: África - História - Movimentos de autonomia e independência. Negros - Identidade racial. Poesia moçambicana. Se me quiseres conhecer - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

The text “*If you want to know me*” from 1958, begins by locating Noémia de Sousa to her place, Mozambique. She, this piece of black wood, resembles the black wood so well carved in the hands of the Macondes, her brothers from the north. In this sense, as Padilha (2004) states, Noémia's texts suggest a subjectivity that goes beyond the individual. In several moments a subjectivity and a feeling of collectivity will be present in her writing. Thinking about these issues, her writing is the fruit of this experience where the fight for the emancipation of the black subject is the fight for existence itself. Therefore, the purpose of this work is to analyze the poem “*If you want to know me*” the affirmation of black African identity and anti-colonialism present in the poetry of Noémia de Souza.

Keywords: Africa - History - Movements of autonomy and independence. Blacks - Racial identity. If you want to know me - Criticism and interpretation. Mozambican poetry.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

² Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Discente do curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Infelizmente muito do que sabemos sobre a África ainda é baseado nos estereótipos forjados desde o colonialismo. Uma África mítica, pobre, incompreensível aos olhos do ocidente e que sempre precisa da tutela dos países ocidentais. É incrível que ainda no século XXI os meios de comunicação e a própria educação reforcem esses estereótipos.

Se formos analisar ao longo da história, inferiorizar ou negar a história de um povo se relaciona com poder. Poder de dominar, de traçar uma narrativa em que determinados grupos são vistos em sua total humanidade e outros não. E isso foi tão bem estruturado que começamos a ter isso como verdades absolutas. Um longo caminho ainda precisa ser percorrido para que possamos romper com essas concepções tão bem reproduzidas em nossa sociedade.

Diante disso, a carga do colonialismo pesou sobre os africanos tanto na ocupação de seu território, quanto na colonização de suas mentes através da aculturação. Mas, esse processo não se deu sem resistência e os Movimentos de Negritude, Movimentos de Libertação Nacional e seus representantes não hesitaram em suas denúncias e na reconstrução de um novo olhar sobre si e sobre o outro e nesse sentido a literatura vai ter uma importância na divulgação das ideias que vão dar os arcabouços para a luta de libertação nacional.

Esse Movimento de Produção de uma Literatura em prol da Libertação Nacional acontece em vários territórios, inclusive em Moçambique. Noémia de Sousa, considerada “mãe dos poetas moçambicanos” inaugura uma literatura anticolonial com versos onde o “eu” é superado pelo “nós”. Falando sempre por e para uma coletividade, sua escrita emotiva é carregada de um senso de alteridade que relaciona diversos aspectos da experiência negro africana, feminina que é marcada pelas feridas abertas pelo colonialismo.

Nesse sentido, a escolha de Noémia de Sousa para ser o foco dessa pesquisa se dá por uma identificação com a literatura moçambicana e feminina, mas a relevância acadêmica dessa escolha está estruturada na perspectiva de pensar a literatura feminina no contexto das lutas anticoloniais e justificava-se pela necessidade de compreendermos a literatura como base para construção dos nacionalismos capazes de consolidar a luta pela independência em África e dentro dessa perspectiva dar evidência a uma escrita feita por mulheres.

Dentre vários de seus poemas “*Se me quiseres conhecer*” escrito em 1958, enquanto Noémia vivia seu exílio, mostra a belíssima relação da poetisa com o seu lugar, e ainda, além disso, com a sua identidade africana. A potencialidade dessa escrita obviamente nos coloca a pensar a grandeza transgressora de uma mulher em meio a sociedade colonial. Noémia vive toda essa complexidade e escreve de um lugar social que é o tempo todo ratificado por ela.

Pensando nessas questões é que surge o problema de pesquisa em questão: como se dá a afirmação da identidade negra africana e a luta anticolonial no texto “*Se me quiseres conhecer*” de Noémia de Sousa?

Para este estudo, utilizarei a pesquisa bibliográfica documental com abordagem qualitativa. Nele dialogarei com autores como: Godfrey Uzoigwe (2010), Raymond Frederick Betts (2010) e Albert Adu Boahen (2010) para refletir sobre o processo de colonização em África. Inocência Mata (2016), Pires Laranjeira (2000), Roseleine Bonini (2018) e Jacqueline San´tanna (2009) para problematizar a relação entre a escrita literária dos anos 30 a 70 do século XX em Países Africanos de Língua Portuguesa e luta anticolonial, Vera Fátima Gasparetto (2020) e Laura Padilha (2004) que também ajudarão a situar a escrita feminina africana de língua portuguesa.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Pensar a poesia de Noémia de Souza é também pensar formas de resistências e de organização de ideias e de projetos de libertação, uma escrita que dialoga com memórias pessoais e coletivas. Nesse sentido é preciso um olhar atento a todas as referências encontradas no seu texto, que ganham sentido político a partir da sua contextualização com o momento em que foi escrito.

Para Fabio Akcelrud Durão (2015) “Às obras literárias somente existem quando são lidas, ou, melhor, quando inseridas em um ato” (DURÃO, 2015, p. 379). E ainda afirma que todo o cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da interpretação, para essa interpretação em si não tem uma regra, mas a escolha metodológica que o pesquisador direciona esse olhar aos textos e é nesse sentido e para dar conta do intuito de compreender a relação entre afirmação da identidade negra africana e anticolonialismo na escrita do poema “*Se me quiseres conhecer*” que as escolhas metodológicas se justificam.

Diante do exposto, esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica e documental. Ambos se assemelham, mas demarcam algumas características próprias. Segundo Antônio Carlos Gil (2002), a diferença entre essas duas pesquisas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza das contribuições dos diversos autores sobre um determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de documentos variados. Na pesquisa em questão os dois procedimentos se complementam.

Quanto a abordagem utilizarei uma abordagem qualitativa, que como afirma Maria Cecília Minayo o objeto da pesquisa qualitativa é a [...] “produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade” (MINAYO, 2009 p. 21). Diferentemente das ciências exatas, as pesquisas nas ciências sociais e humanas carecem de uma abordagem que dê conta de um universo de significados, motivações e valores. Nesse sentido, a intenção do texto é analisar não somente questões objetivas presentes no poema “*Se me quiseres conhecer*”, mas também as questões subjetivas e relacionais.

3 COLONIALISMO EM ÁFRICA

A conferência de Berlim foi um dos marcos no processo de colonização do continente africano, no entanto como afirma Uzoigwe (2010), a conferência que culminou com a partilha da África oficialmente não tinha esse intuito inicialmente, o intuito inicial era resolver problemas territoriais de ordem econômica, fruto da atuação dos países europeus no congo.

Diante disso, é importante ter em mente que a Conferência não dá início a atuação dos Europeus em África, essa ocupação já vinha ocorrendo. Segundo Uzoigwe; “[...] mediante a instalação de colônias, exploração, criação de entrepostos comerciais, estabelecimentos missionários, ocupações de zonas estratégicas e os tratados com os dirigentes africanos” (UZOIGWE, 2010, p. 35). No entanto, a Conferência, e conseqüentemente a partilha da África, resultou em uma colonização efetiva, legitimada.

Na metade do século XIX e na segunda metade do século XX, a África foi palco de uma apropriação e dominação, que inclusive contou com o apoio de chefes locais. E com isso, os europeus, apoiados pelos ideais cristãos universalistas, que já haviam estado no continente antes dessa ocupação efetiva, deram início a uma ação imperialista tão bem estruturada que se reverbera até o pós-independência, quando em decorrência dos interesses pessoais acima do coletivo e as hierarquias étnico-raciais, muitos países africanos sofreram com os conflitos internos.

As tentativas de tornar natural e necessária essa dominação vai vigorar durante todo o processo de colonização e vai gerar para a África uma memória, em que muitas vezes, até hoje deturpada. Nesse sentido foram desenvolvidas teorias e historiografias que tentarão dar a base para o prevalecimento da ideologia colonizadora, tentando dar sentido ao que no fundo não passa de uma forma evasiva para estar em acordo com um ideal Iluminista, de livrar um povo

das “trevas” quando no fundo os europeus tinham em mente, mais que tudo, o interesse em seu próprio desenvolvimento econômico.

Segundo Betts (2010), após a conquista e ocupação “A África foi envolvida em uma rede administrativa colonial que, embora pouco uniforme e um tanto complexa, unificava-se (p. 353). Ou seja, mesmo sendo diferente a cada território, deu conta de garantir que um continente tão vasto ficasse sob o predomínio europeu.

4 REPERCUSSÕES SOCIAIS DA DOMINAÇÃO COLONIAL NAS SOCIEDADES AFRICANAS

Segundo Balandier (1993) a situação colonial é uma conjuntura particular que merece mais atenção por parte dos pesquisadores. Um olhar mais crítico daria conta de não reproduzir uma concepção unilateral sobre o que significou esse processo para as sociedades africanas e como se deram as resistências a esse processo de ocupação que não foi somente territorial, mas também cultural e política.

Nesse sentido, Boahen (2010) define o período entre 1880 e 1935 como um período de mudanças que marcaram o continente africano de maneira tão profunda que seus impactos se reverberam até a atualidade. É o que Balandier (1993) vai chamar de relação entre “sociedade colonial” e “sociedade colonizada”.

Antes de 1880, a África e a Europa teceram fortes relações comerciais, relativamente em pé de igualdade, relações entre estados soberanos, onde os líderes africanos tinham um determinado controle sobre o seu espaço territorial e autonomia em relação a esses países. Segundo Boahen (2010), “até 1880, 80% do território africano era totalmente controlado pelos seus próprios reis, rainhas” (BOAHEN, 2010, p. 3), líderes de maneira geral. Diante disso, a partilha e dominação da África encerra uma relação comercial entre continentes e dá lugar a um domínio cultural, étnico e territorial.

A conjuntura do pós-guerra e da Revolução Industrial vai ser fundamental para a consolidação de uma conjuntura imperialista que se organiza burocraticamente, mesmo que não de maneira uniforme, para um controle quase que completo de um território tão vasto. Um dos argumentos que sustenta essa ação imperialista em solo africano é de que havia a necessidade de levar a estes territórios a modernidade e o progresso.

Essa ideia de progresso e modernidade é difundida pelos apologistas do imperialismo e segundo Afigbo (2010), acaba também sendo reproduzida pelos movimentos nacionalistas

coloniais. Enquanto para os primeiros a colonização significava avanço, para o segundo significou destruição. Mas, os dois têm em comum uma percepção de que “[...] essas sociedades são fundamentalmente estáticas e, portanto, defasadas em relação aos valores modernos [...]” (AFIGBO, 2010, p. 567). Diante dessa divergência acerca de valores modernos e valores tradicionais decorreriam os conflitos.

De fato, a dominação europeia gerou destruição e reconfiguração da estrutura das sociedades africanas, mas como argumenta Afigbo (2010), de maneira alguma essas sociedades estavam estáticas. “Muito ao contrário, elas eram produto de gerações, quer dizer de séculos ou de milênios de evolução” (AFIGBO, 2010, p.568).

Segundo o mesmo autor ainda existem poucos estudos, principalmente por parte dos historiadores, sobre a resistência dos africanos frente a essa dominação, e que por isso algumas perguntas ainda não têm respostas ou trazem respostas equivocadas que desconsideram toda a complexidade que foi o processo de colonização em África. O que se sabe é que houve muita resistência, seja negando o que lhes era imposto ou até mesmo assimilando a seu modo.

5 ESCREVER E NÃO SUCUMBIR

O colonialismo enquanto sistema social e político se estruturou, via de regra, negando ao colonizado o direito a uma história anterior a colonização, colocando a Europa no centro do mundo e a cultura negra e o homem negro à margem e na inferioridade. Atingindo os negros tanto socialmente, quanto subjetivamente. Questões que vão ser retratadas na literatura africana, tanto tecendo a crítica a esses sistemas e suas consequências, quanto gerando um encorajamento e a necessidade da luta.

No entanto, o próprio colonialismo à medida que expande, vai gerando embates e esse tensionamento vai dando espaço a várias formas de resistir. Nesse sentido, afirmar a resistência, romper com a concepção de povos africanos passivos ou até mesmo com a imagem de colaboradores da dominação em África, é também uma outra forma de resistir.

Dentro desse espaço da resistência, a escrita literária é uma das ferramentas utilizadas contra o colonialismo, dentro e fora da África. Como afirma Rosangela Marquezi (2019):

Em todos os países de língua portuguesa pertencentes aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) não há como dissociar a literatura do projeto de nação. Ela está intrinsecamente ligada à formação da identidade desses países, sendo responsável, inclusive, pela tomada de consciência dos colonizados em relação ao colonizador (MARQUEZI, 2019, p. 1).

A literatura africana traduz os paradoxos e complexidades geradas pela colonização, como sejam, literatura escrita e difundida na língua do colonizador, dualismo cultural ou identidade problemática dos autores, oscilação entre a absorção e negação dos valores e códigos ocidentais.

Nesse sentido, a língua outrora usada como ferramenta de domínio com a produção de uma literatura colonial onde o colonizado apenas reproduz a visão do colonizador sobre África e parece estar imerso a uma alienação, a partir dos anos 30 vai passar a ser usada como arma tão potente na batalha quanto as armas de fogo.

Para Mata (2016) os anos 30-70 do século XX ao mesmo tempo em que é dominado por um contexto imperial e ditatorial, vai dar espaço a uma literatura que busca representar a realidade de maneira objetiva.

O propósito de muitos escritores visava a aproximação à realidade das relações político-sociais, mesmo quando essa realidade fosse apreendida através de universos mais interiores, mais íntimos, recordações do passado ou vivências pessoalizadas e coletivizadas do quotidiano (MATA, 2016, p.82).

É nesse movimento que surge Noémia de Sousa, tomada por uma consciência que é influenciada por uma série de movimentos que vão surgir na década de 40, como o movimento negritude. Noémia, como afirma Bonini (2018), “resgata os valores da sociedade negra e africana e também clama pela voz de todos os negros” (BONINI, 2018, p. 15).

6 INSURREIÇÃO ESCRITA: NEO-REALISMO E NEGRITUDE

É importante contextualizar os cânones literários que vão influenciar a escrita de Noémia de Sousa e que possibilitou uma escrita que segundo Mata (2016) tem duplo efeito: “leva não apenas a conscientização da situação (se o leitor é alheio a essa situação), mas pode também promover ação” (MATA, 2016, p. 88). Por isso, Mata (2016) afirma que:

As literaturas africanas, enquanto sistemas, são subsidiárias de diferentes estéticas, desde os anos 30 aos 70, através de diferentes cartografias de mediações da realidade. É que a partir da ideologia nacionalista, o discurso literário e o metaliterário forma-se constituindo como uma das faces visíveis da luta de libertação, juntamente com a frente diplomática e a guerra de guerrilha que eram como frentes externas da luta (MATA, 2016, p. 81).

Dois paradigmas vão se apresentar como via importantes para possibilitar uma escrita literária insurgente, o Neo- realismo português e o Movimento Negritude:

Em todo caso, considerado em qualquer nível, o discurso de resistência muito devia a estéticas cujo funcionamento permitia a representação dos antagonismos socioeconômicos e políticos (embora nem sempre de afirmação identitária). Na altura o neorealismo e a negritude eram paradigmas estéticos que possibilitaram aos escritores portugueses e africanos a mediação da realidade[...] (MATA, 2016, p. 85).

Nesse sentido, o movimento Neorrealista português que nasceu para denunciar as mazelas da ditadura salazarista vai influenciar muitos escritores africanos que lutaram contra as mazelas do colonialismo em África. Como aponta Mata (2016), são lugares diferentes de enunciação, mas ambos lutavam contra algum tipo de dominação, seja ele colonizado, seja ele o trabalhador explorado nos campos e cidades. Aqui a autora aponta também o teor marxista que marca a escrita desse período, fazendo o que ela chama de contrariar o determinismo político e social.

Aqui em todo caso, é importante um olhar especial para o movimento Negritude, e também uma visão de um pensamento autônomo que surge a partir do Neorealismo, e esse processo de autonomia constrói o pensamento e engajamento anticolonial de Noémia de Souza. Segundo Pires Laranjeira (2000), o movimento Negritude constitui uma ampla doutrina da africanidade, que mesmo aceitando os contributos dos movimentos literários europeus se firma na garantia de uma autonomia.

A singularidade do movimento Negritude e movimento Pan-africanistas é o surgimento de ideais que vão direcionar a luta dos intelectuais e não intelectuais para o entendimento de uma África soberana. Entre os vários congressos Pan-Africanistas o Congresso de Manchester é um dos mais populares, uma das importantes questões discutidas neste congresso é a autonomia dos territórios africanos frente ao domínio europeu.

A partir desse congresso muitos outros vão acontecer, inclusive no território africano. Contribuindo com as ebulições internas desses países que lutavam pela sua libertação e toda obra literária que bebe dessa fonte terá em seu cerne um olhar para o negro e para a África no sentido de reconstruir uma história e no caso de Noémia há também um olhar para uma diáspora negra gerada pelo processo de escravismo.

Alguns aspectos vão ser importantes de situar, no poema que será melhor analisado na seção a seguir, dentre eles uma afirmação positiva da diferença; “orgulhosa afirmação das qualidades e potencialidades do homem africano perante a negação que delas fazia o europeu”

(LARANJEIRA, 2000, p. 237), uma definição clara do espaço geográfico e cultural, reivindicação da pátria e antes de tudo a necessidade de emancipação do povo negro.

7 A PROJEÇÃO DE UM CORPO-ÁFRICA: UMA VOZ FEMININA QUE ECOA PELO MUNDO

Pensar a escrita feminina em qualquer contexto é pensar nos processos de silenciamentos das mulheres ao longo dos anos. Para Laura Padilha (2004) a escrita feminina sendo africana ou não, "historicamente emergiu em uma zona de profunda exclusão, habitando o sombreado das fímbrias" (PADILHA, 2004, p. 254). Ou seja, são apêndices de algo, algo subalternizado por questões que relacionam raça, classe e gênero.

Ainda nesse sentido Padilha aponta que esse lugar de subalternização das mulheres nem sempre estiveram presentes nas formas de organização das sociedades africanas em que as mulheres apresentaram papéis importantes. Ela aponta o patriarcalismo como algo que diverge da matrilinearidade africana:

Há desse modo um conflito de base entre as sociedades patriarcais do ocidente e as matrizes africanas de sacralização da mulher. A colonização vai interferir, é óbvio, nesse quadro geral, no momento em que impõe seus inquestionáveis modelos e jogos de hegemonia e poder nas sociedades as quais passa a interagir pela dominação[...] (PADILHA, 2016, p. 255).

No que tange às mulheres no sistema colonial estão atravessadas por uma dupla dominação. Segundo Padilha (2014), é necessário romper com esse silenciamento e pensar nas vozes dessas mulheres que conseguiram rasgar através da luta armada e da literatura essa manta opressora da colonização.

Diante disso, Padilha (2014) aponta como que muitas dessas mulheres usaram a literatura como expressão e como afirmação da identidade negra africana e também feminina. Vão se utilizar de vários meios para divulgação das suas ideias. A autora aponta em seus estudos a importância da revista Mensagem e do jornal de Angola, onde é possível capturar as escritas deixadas por essas mulheres.

Noémia de Sousa é uma das escritoras africanas que utiliza a escrita como ferramenta de luta contra o colonialismo e ao mesmo tempo nos coloca a pensar questões de gênero que estão intimamente relacionadas na vida das mulheres negras e também nas sociedades africanas. "A análise da produção poética feminina africana que circulou em vários instrumentos culturais entre o fim dos anos de 1940 e princípio de 1960 e que encenam, de um lado, questões de

gênero, e de outro, questões étnicas, enfatizando, ou não, estes últimos” (PADILHA, 2016, p. 253).

8 “SE É QUE ME QUERES CONHECER”: UM EU QUE EMANA AS DORES COLETIVAS

No poema “*Se me quiseres conhecer*” de 1958, alguns aspectos vão ser importantes de situar, dentre eles uma afirmação positiva da diferença, “orgulhosa afirmação das qualidades e potencialidades do homem africano perante a negação que delas fazia o europeu” (LARANJEIRA, 2000, p. 237), uma definição clara do espaço geográfico e cultural, reivindicação da pátria e antes de tudo uma realidade alternativa que é marcada pela necessidade da libertação.

O título que marca essa seção “*Se é que me quiseres conhecer*”: um eu que emana as dores coletivas”, não haveria de ter um título mais coerente para começar essa seção cujo objetivo é esmiuçar os detalhes do poema “*Se me quiseres conhecer*”. Essa afirmativa mostra o eu lírico ironizando o colonizador, nesse sentido mostra que nesse poema ela fala para os seus, dos seus e com os seus, mas também estabelece um diálogo com o outro e esse outro aqui é o colonizador. Que de fato, não tem interesse em conhecer a África, pelo contrário, tem interesse em não a conhecer e fazer com que nem ela mesma se conheça para que a partir desse silenciamento se crie uma projeção de vazio sobre esse território o qual se pretende “civilizar”. Essa voz que ironiza o europeu, traça uma dualidade e afirma a diferença:

“Se me quiseres conhecer,
estuda com olhos de bem ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão maconde
de mãos inspiradas talhou e trabalhou em terras distantes lá do Norte” (1.).
(SOUSA, 2016).

Nesse trecho duas categorias são importantes para situar o eu-lírico; África e Moçambique e ela busca nos recursos literários apresentar a sua condição identitária. Os macondes, seus irmãos, a que ela se refere é um grupo étnico bantu que habita o norte de Moçambique, cujas esculturas de pau preto são marcas registradas da arte que representa esse povo.

O pau preto referido por Noémia de Sousa é um dos principais e mais conhecidos materiais utilizados pelos macondes para a produção de sua arte. A escultura em madeira feita pelos macondes tem três estilos: o primeiro é o “Shetani” que significa demônio e são esculturas de humanos e animais bastantes estilizadas. A segunda “Ujamaa” que é a escultura que representa a família e a união, a terceira é a escultura figurativa que representam animais, pessoas e também representações religiosas.

A referência utilizada por Noémia para representar os makondes é uma forma de adentrar a uma perspectiva de diversidade étnica e linguística presente no território africano, algo que pode ser capitado somente por aqueles que se propõe a de fato conhecer.

Como afirma Padilha (2004) os textos de Noémia sugerem uma subjetividade que ultrapassa o indivíduo. O poema “*Se me quiseres conhecer*” não foge à regra e em vários momentos uma subjetividade individual e um sentimento de coletividade vai estar presente. Nesse contexto, “a africanidade erradica na contestação ao etnocentrismo e na recusa à dominação colonial” (LARANJEIRA, 2000, p. 237). Assim, Padilha (2004) afirma que:

Sendo as culturas africanas, por princípio e de princípio, excluídas por sua diferença axial, de tal edifício, por não se sustentarem nem em uma base greco-latina nem no judaico-cristão, não há outra saída senão a imersão no vazio e no silêncio, muitas vezes transmutados em silenciamentos (PADILHA, 2004, p. 254).

É nesse sentido que a escrita de Noémia expressa essa imersão e reafirma uma identidade que é local e ao mesmo tempo constrói um sentido de identidade que atravessa as fronteiras geográficas.

Na segunda estrofe essa relação entre corpo feminino e África está imbricada, são como duas histórias que não se desassociam:

[...] erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
 corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
 pelos chicotes da escravatura...
 Torturada e magnífica
 ativa e mística,
 África da cabeça aos pés,
 – ah, essa sou eu: (2.)
 (SOUSA, 2016)

Um corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis, e aqui nessa estrofe também está a sua crítica ao processo de escravidão que submeteu o povo africano a todo tipo de mazela. Já na terceira estrofe ela continua afirmando a relação entre o seu feminino e África. Portanto, para

conhecê-la de fato é preciso debruçar-se sobre a sua alma África e segue fazendo várias referências a questões da identidade local como os muchopes, os machanganas.

Para Mafalda Leite (1998), a escrita oralizada é uma das marcas de Noémia de Souza “[...] a experiência da escrita é sempre filtrada pela emoção sentida corporal e fisicamente” (MAFALDA, 1998, p.105). Noémia escreve a partir de uma experiência que ela define como sentida/vivida, que não se preocupa necessariamente com a estética e sim com a expressão de ser quem se é e que sente na alma e no corpo as marcas da colonização.

Na última estrofe ela conclui questionando o seu interlocutor “*Se é que me queres conhecer*”, essa afirmação é de alguma forma uma crítica a todo processo de desconhecimento sobre a África e sua historicidade que conduziu a um processo de colonização violento que desestruturou as formas tradicionais de organização das sociedades locais. E por fim, ela afirma ser um búzio, onde está contido um grito de esperança, indicando e convocando uma luta pela libertação da África, esse corpo feminino marcado por pelos açoites coloniais.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos tópicos desse trabalho chama-se “*Escrever e não sucumbir*”, para entendermos isso mais a fundo, fomos na escrita da literatura africana, especificamente a poesia de Noémia de Sousa, para compreendermos como a literatura tornou-se meio de organização de um pensamento de e sobre a África capaz de subsidiar as lutas nacionalistas a partir da afirmação positiva da identidade africana.

Noémia de Sousa, considerada “mãe dos poetas moçambicanos” inaugura uma literatura anticolonial com versos onde o “eu” é superado pelo “nós”. Falando sempre por e para uma coletividade, sua escrita emotiva é carregada de um senso de alteridade que relaciona diversos aspectos da experiência negro africana, feminina e afro diaspórica que é marcada pelas feridas abertas pelo colonialismo.

Nesse sentido, dentre vários de seus poemas “*Se me quiseses conhecer*” escrito em 1958, enquanto Noémia vivia seu exílio, mostra a belíssima relação da poetisa com o seu lugar, e ainda, além disso, com a sua identidade africana. A potencialidade dessa escrita obviamente nos coloca a pensar a grandeza transgressora de uma mulher em meio a sociedade colonial. Noémia vive toda essa complexidade e escreve de um lugar social que é o tempo todo ratificado por ela.

A escrita de Noémia transcende as barreiras impostas pelo colonizador e sua estrutura de dominação, liga o eu feminino ao seu lugar de pertença que é África, mas também é Moçambique, territórios e corpos marcados por feridas abertas. Mas ao mesmo tempo insinua uma saída, uma esperança que está na própria cultura, na própria identidade e que precisa ser retomada, reiterada a fim de que sucumba a subalternização imposta pelo colonialismo.

Referências

- AFIGBO, Adiele Eberechukuwu. **Repercussões sociais da dominação colonial: novas estruturas sociais.** In: BOAHEN, Albert Adu (Editor). História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 19. pp. 567-589.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência:** Introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.
- AZEVEDO, Israel. **O prazer da produção científica:** passos práticos para a produção de trabalhos acadêmicos. 13 ed. São Paulo: Editora Hagnos, 2011.
- BALANDIER, Georges. “**A Noção de Situação Colonial**”. In: Cadernos de Campo nº 3 USP, São Paulo: 1993.
- BETTS, Raymond F. (Revisão de A. I. Asiwaju). **A dominação europeia: métodos e instituições.** In: BOAHEN, Albert Adu (Editor). História geral da África VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 13, pp. 352-375.
- BOAHEN, Albert Adu. **A África diante do desafio colonial.** In: BOAHEN, Albert Adu (Editor). História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 1, pp. 1-20.
- BONINI, Roseleine. **A poética de Noémia de Sousa: história e identidade em Moçambique colonial.** Dissertação (Mestrado em estudos comparados de literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2018.
- GASPARETTO, Vera F. **O campo dos estudos de gênero em Moçambique/África.** Revista de Estudos Feministas. vol. 28 n.1 Florianópolis, jun.01, 2020.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Simone. **Poesia moçambicana e negritude: caminhos para uma discussão.** Revista via atlântica. nº16, Dez/2009.
- LARANJEIRA, Pires. **As literaturas Africanas de Língua portuguesa: Identidade e Autonomia.** Revista SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 3, nº 6, p. 237-244, 1º sem, 2000.

LEITE, Mafalda. **Voz, corpo e narração-poesia de Noémia de Sousa**. In: LEITE, Mafalda. *Oralidades e escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Edições Colibre, 1998.

MARQUEZI, Rosangela. **Olhares docentes: breves observações sobre as relações entre identidade e literatura moçambicana**. *Revista África e Africanidades*. Ano XII, n.º. 30, maio de 2019.

MATA, Inocência. **A mediação literária da realidade colonial: representações da realidade nas literaturas africanas em português**. *Revista SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 20, p. 81-93, 2º sem. 2016.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 28.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PADILHA, LAURA C. **“Bordejando a margem (escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças)”**. *Revista SCRIPTA*. v. 8, n. 15, p. 253-266, 2004.

SANT’ANNA, Jacqueline. **O discurso poético de Noémia de Sousa: resistência, poder e subalternidade**. *Revista Kaliope*. Ano 5, n.10, p.70-79. São Paulo, ago./dez, 2009.

SOUSA, Noémia. **“Se me quiseres conhecer”**. In: _____. *Sangue Negro*. São Paulo: Kapulana, 2016, p. 40-41.

UZOIGWE Godfrey N. **Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral**. In: BOAHEN, Albert Adu (Editor). *História geral da África VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. C ap. 2, pp.21 – 50.